

Ferrari arrebatou os dois primeiros lugares no Grande Prémio de França, *Desporto*, página 31

Paris, Vietname e o taxista comuna

Indo Eu



Ricardo Garcia

● Entrei no táxi e disse: “Para o Palácio do Eliseu, por favor”. Ia para uma conferência internacional cheia de nomes sonantes mas de importância duvidosa, cujo resultado mais esperado era o jantar. É, caros leitores, mesmo os jornalistas mais pé-rapados como eu usufruem, vez ou outra, do estatuto de comensal no fausto banquete da burguesia.

Em se tratando de Paris a localização do evento, a coisa fica ainda mais sofisticada. Mas não é de mordomias e riquezas que pretendo falar aqui, mas sim das idiosincrasias próprias dos motoristas de táxi em diferentes pontos do globo.

O meu objectivo é um só: nenhum. Mas se alguém quiser tirar conclusões comparativas entre o que se passa na capital francesa e nos burgos cá da terra, então há uma personagem que eu gostaria vos apresentar: o taxista comuna.

O homem vinha do Vietname, algo que vim a saber logo que trocámos as respectivas identidades geográficas.

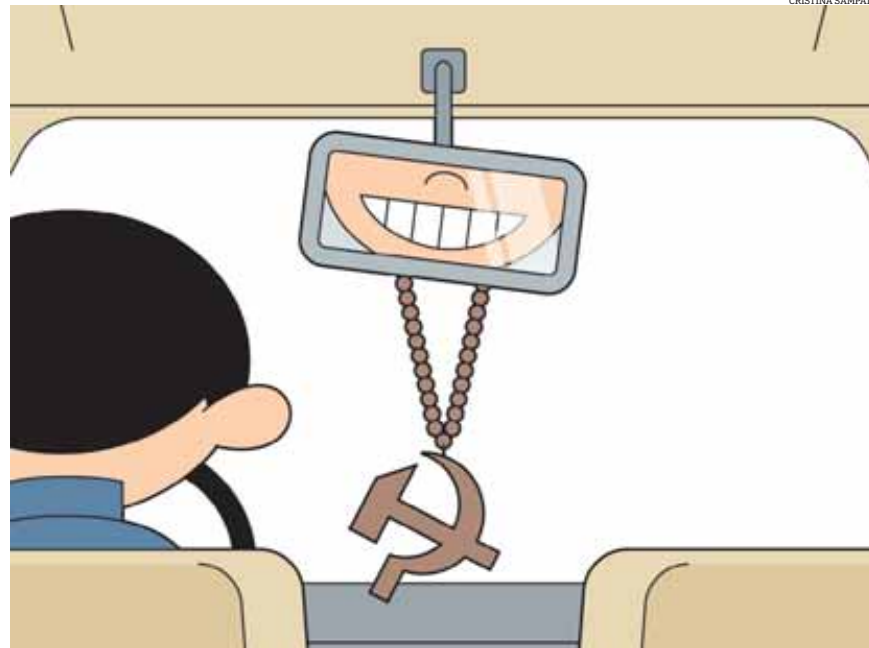
- Eu nasci no Brasil, mas vivo em Portugal - disse-lhe. - E o senhor, é de onde?

- Vietname.

Perguntei-lhe há quanto tempo vivia em França, por que razão tinha emigrado e outras questões de foro introdutório.

- Você é muito novo, não se deve lembrar da guerra - disse ele, avaliando-me pelo retrovisor.

- Lembrou-me perfeitamente - retorqui. - Pareço novo, mas já estou em processo de erosão



CRISTINA SAMPAIO

etária - acrescentei, e nem sei como. O meu francês é de tal forma macarrónico que, no dia anterior, quando precisei dizer “Rue de Rivoli”, tive de invocar um saudoso jogador brasileiro e disse “Rua do Rivelino”. Funcionou.

O motorista falava tão mal como eu a língua do país onde vivia há 30 anos. Mas o diálogo prosseguiu, embora cambaleante, até que ele anunciou:

- Eu sou comunista.

Acto contínuo, explicou-me a sua teoria evolutiva do regime que, dizem, que já não existe.

- Primeiro, comunismo - controlo - iniciou, com gestos teatrais para enfatizar a ideia.

- Depois, comunismo - guerra - continuou, simulando duas pistolas com as mãos, perigosamente livres do volante. - Bum, bum, bum!

- Agora, comunismo - observação - concluiu, girando lentamente a cabeça de um lado para o outro, com dois dedos à frente dos olhos.

- Como? - perguntei.

- Comunismo-observação - repetiu o motorista, com o mesmo gesto.

Eu não entendi o que ele queria dizer. Nem ele explicou. Apenas voltou a repetir:

- Comunismo-observação. Comunismo-observação.

Seguiu-se um silêncio tumular, sintoma de que a conversa teria chegado a um beco sem saída. O som do rádio acabou por salvar a face social da viagem.

- Ah, essa música! - disse ele. - Essa música, comunismo. Música, comunismo! - insistiu, com um sorriso saudosista.

Eu não identifiquei imediatamente o tema.

- Essa música é comunista?

- perguntei, ingénuo.

Ele olhou-me mais uma vez pelo espelho e, apontando para o rádio, disse:

- Doutor Jivago! - e começou a cantarolar o tema, de olhos semicerrados, em pleno trânsito, quase atropelando uma distinta cidadã parisiense.

- Vejo que é sentimental - falei.

E ele, cada vez mais distante, quase a sonhar:

- Dr. Jivago! Comunismo! Dr. Jivago!

Fomos ouvindo o Doutor Jivago até ao meu destino, sem que eu soubesse de qual categoria de comunismo é que ele estava a falar, nem sequer se era para dizer bem ou dizer mal. Confuso, desci diante do Palácio do Eliseu. O comunismo ficou no táxi e eu seguí adiante para o regabofe burguês.

Tribuna do Cidadão

Salvar as moradias de Algés antigo

Apesar da fúria do “deita abaixo e faz novo” ainda existe em Algés um número considerável de vivendas e pequenos prédios, memórias de férias de Verão, de convivência sossegada com Lisboa, na terra onde começava a Costa do Estoril.

Estas casas, quase todas com jardins e quintal, têm sido calmamente arrasadas, substituídos por caixotes de bom betão, com garagens enterradas, densificando ruas estreitas com falta de estacionamento.

Mas... ainda existem umas tantas que deviam ser recuperadas e mantidas com a sua traça. Porém, estão a ser deixadas ao abandono, de propósito algumas, para que, face à degradação, possam justificar que nada havendo a fazer (?) seja autorizada uma “modernação” construção de maior densidade.

E se, de repente, alguém tivesse a boa ideia de penalizar os proprietários que, de propósito e muitas vezes com conivência, preparam estas pequenas construções para se degradarem e, nos casos de proprietários sem recursos, encontrassem as tais parcerias públicas ou privadas e as recuperassem com a sua traça e a sua dimensão? Será, como se diz em linguagem coloquial, “muita areia para aquelas cabecinhas”, mas lá que eram boas ideias...

Clotilde Moreira
Algés

Os transportes da margem sul do Tejo

Venho expressar o meu desagrado pela falta de eficácia, de desejo de modernização e o desinteresse por satisfazerem as necessidades de transporte das populações da margem sul, por parte dos responsáveis da Soflusa.

Tal como há 30 anos, os horários dos barcos, à chegada de Cacilhas, não estão coordenados com as carreiras de autocarros. Estes costumam sair justamente um minuto antes de o barco atracar.

Aos fins-de-semana de Verão ou numa noite de Santo António em Lisboa, formam-se grandes filas na Ponte 25 de Abril e também à espera do barco (claro que é necessária outra ponte!). Chegam a esperar duas horas. Mas os barcos estão ancorados! Têm de cumprir o horário...

Na noite de Santo António havia gente esperando o barco da lh00. O barco saiu com metade das pessoas que esperavam. Em vez de colocarem mais barcos a funcionar (ou fazer mais uma viagem), não: ficámos à espera do barco da lh40. Para cumprir horário.

Há que ter respeito pelas necessidades das populações, modernizar/flexibilizar serviços ou estruturas já ultrapassadas. Só assim o “senhor automóvel” deixa de ser o “sonho da vida” das famílias portuguesas.

Leitor devidamente identificado
Setúbal

De 31 de Maio a 31 de Julho.

Este Verão apaixonar-se... pela arquitectura!

Trienal de Arquitectura de Lisboa

www.trienaldelisboa.com

af Alliance Française

Fale francês, uma língua ÚTIL

CURSOS DE VERÃO

Cursos intensivos e super intensivos

Cursos para crianças

Inscrições abertas

Testes de entrada gratuitos

www.alliancefr.pt

NOVA LOJA Público já abriu em LISBOA

Mulhensina II, Populista, Lda
Centro Comercial da Populista,
Lda - R. 84,
2685-223 Portugal - Lisboa
Tél: 219 41 309

Publico P

VISITE-NOS!

NOVA LOJA Público já abriu em LISBOA

Quilograma República
Instituto Competição Tejo, Lda
Assembleia da República,
2º andar,
1249-008 Lisboa

Publico P

VISITE-NOS!